

Para negociar, só governo legítimo

A grave crise econômica e social que o País atravessa só será resolvida por um governo que represente efetivamente a Nação, capaz de renegociar a dívida externa com a comunidade financeira internacional e não por um governo que apenas ocupe formalmente o poder. A tese foi defendida pelo vice-presidente Aureliano Chaves, que, em debate realizado com 1.200 membros da comunidade judaica do Rio de Janeiro no Clube Hebraica, e encerrado no início da madrugada de ontem, afirmou ser impossível um equacionamento da dívida externa nas atuais condições impostas pelos banqueiros internacionais e pelo FMI.

Ele lembrou que quando esteve em Nova York, no **Council of America**, em conversa com banqueiros norte-americanos, indagou deles se tinham consciência de que os financiamentos concedidos ao Brasil eram para suprir déficits do balanço de pagamentos. Com a resposta afirmativa, perguntou se sabiam que 40% da dívida brasileira representava financiamentos às exportações americanas, na forma de **suppliers credits**.

Com nova resposta afirmativa, Aureliano Chaves perguntou finalmente como eles queriam que o Brasil pagasse com seu próprio desemprego empréstimos que serviram para criar emprego nos Estados Unidos. "Quando o sistema financeiro in-

ternacional tiver a consciência de que é a nação brasileira, representada por um governo ungido pelo apoio popular, que exige uma outra solução para a dívida externa, ela virá" enfatizou o vice-presidente da República.

FATOR DE PESO

O presidente do grupo Brasilinvest, Mário Garner, também revelou ontem, no Rio, que entre os banqueiros internacionais há grande expectativa e incerteza sobre a sucessão presidencial brasileira, dando a entender que esse é um dos poucos fatores que ainda pesam sobre uma possível redução das taxas de risco dos empresários ao Brasil.